

EDITORIAL

Talvez uma manhã andando num ar de vidro,
voltando-me, verei cumprir-se o milagre:
o nada às minhas costas, detrás de mim
o vazio, com um terror de bêbado

Depois como numa tela, acamparão de um jato
árvores casas colinas para a ilusão costumeira.
Mas será tarde – e eu partirei calado
entre os homens que não se voltam, com meu segredo.
(Eugenio Montale)¹

Uma das características mais marcantes do niilismo enquanto categoria histórica, social, política, antropológica e ontológica, é seu efeito desestabilizador e dramático expresso na pergunta sobre como orientar-se no espaço vazio da ausência de referenciais seguros para o estabelecimento de metas para a ação, para a vida. E embora a filosofia e a literatura estejam repletas de casos que ilustram esta situação, poucos foram os que apresentaram, de modo tão claro e dramático, o extravio existencial resultante do niilismo quanto o Heinrich von Kleist. Em uma carta à Wilhelmine von Zenge, datada de 22 de março de 1801, na qual, após noticiar ter travado contato com a “mais nova filosofia kantiana”, Kleist pretende compartilhar um pensamento que o abalou dolorosamente:

Recentemente, me familiarizei com a chamada mais nova filosofia kantiana - e agora eu tenho que comunicar a você um pensamento, a respeito do qual não posso temer que ele te abale tão dolorosamente quanto a mim. [...] Se todos os homens tivessem, no lugar dos olhos, lentes verdes, então teriam de julgar que os objetos vistos, através deles, são verdes – e nunca seriam capazes de decidir se o seu olho lhes mostra as coisas como são, ou se não se acrescenta às coisas algo que não pertence a elas, mas ao olho. O mesmo acontece com o entendimento. Nós não podemos decidir se o que chamamos de verdade seja verdade realmente, ou se apenas se parece verdade para nós. Se o último, então a verdade que nos reúne aqui, não nos reunirá mais após a morte - e todos os esforços para adquirir uma propriedade que nos segue até a sepultura, são em vão – [...] Meu único, meu mais alto objetivo

¹ Disponível em: <http://www.culturapara.art.br/opoema/eugeniomontale/eugeniomontale.htm> (Consultado em: 01/12/2023).

desmoronou, e agora eu não tenho mais nenhum -. Desde que essa crença, ou seja, de que aqui na terra não há verdade a ser encontrada, desapareceu da minha alma, eu não mais toquei em livro algum. [...] Oh, é o estado mais doloroso estar sem uma meta para o nosso coração ocupar-se alegremente, progredir - e assim eu me encontro agora. (KLEIST, 1993, p. 634)².

Seria possível objetar ao poeta sua incompreensão do verdadeiro espírito da filosofia kantiana; mostrar-lhe o equívoco de uma interpretação cética da *Crítica da razão pura*; lembrá-lo da importância de uma leitura rigorosa a fim de evitar renunciar à própria vida devido a meros equívocos interpretativos (o que associaria um componente cômico ao trágico do suicídio de Kleist: suicidar-se devido a leitura parcial de um texto, por não ter voltado a ele uma segunda, uma terceira vez, e desfeito o equívoco interpretativo, faria rir, não fossem o pudor, o respeito e a piedade demandados pela situação). Porém, aqui já se toma o efeito pela causa. E embora Quentin Meillassoux pareça ter razão ao afirmar que a filosofia kantiana é comparável a uma “contrarrevolução ptolomaica” – visto que, após o descentramento copérnico-galileano inerente à ciência moderna, por meio da qual “[...] o pensamento descobria pela primeira vez a capacidade de revelar efetivamente o conhecimento de um mundo indiferente a toda relação com o mundo” (MEILLASSOUX, 2015, p. 188)³, Kant voltou a dar ao sujeito a centralidade no processo do conhecimento – ainda assim, o sujeito por ele reintroduzido é uma forma, e neste sentido, pouca diferença faz se ele está presente ou ausente. Afinal, em termos de sentido para a vida efetiva, a forma homem, ou a forma número, ou a forma lógica valem tanto uma quanto a outra, ou seja, pouco valem. É justamente esta a dimensão captada pela leitura “pouco rigorosa” e demasiado existencial do poeta. Parece que seria preciso cruzar o umbral dos rigorismos metodológicos para captar, em sua máxima extensão, o que é um problema filosófico, e mais especificamente, o sentido do niilismo enquanto problema filosófico.

Como orientar-se no espaço vazio da ausência de metas? Aqui se vê que os mais extremos problemas filosóficos alcançam o humano, não somente porque e quando tocam seu entendimento, mas, mais intensamente, porque e quando tocam seu coração. Sob este prisma, o niilismo se configura como um desafio perene: enfrentar o problema do sentido quando o próprio sentido vacila. Que produtiva contradição! Apreender o “milagre” do

² KLEIST, H. von. *Sämtliche Werke und Briefe (Zweibändige Ausgabe in einem Band)*. Herausgegeben von Helmut Sembdner. München: Dtv, 1993.

³ MEILLASSOUX, Q. *Después de la finitud*. Buenos Aires: Caja Negra, 2015.

qual fala o poeta Eugenio Montale: “o nada às minhas costas”. Ocupação para uma vida inteira, não apenas de indivíduos, mas de gerações, de épocas.

Para pensar tais problemas e tantos outros a eles vinculados, convidamos à leitura dos artigos que compõem este número da Revista *Dialectus*, o terceiro volume dedicado ao problema do niilismo⁴, e dos quais faremos uma breve apresentação a seguir.

O artigo que abre o Dossiê, *Nietzsche, Bourget, Baudelaire e os rumos do niilismo moderno*, de Clademir Luís Araldi, investiga a relação entre a *décadence* e o niilismo nos escritos tardios de Nietzsche, destacando o impacto das análises de Paul Bourget sobre a *décadence* literária do século XIX. A partir dessas análises, Baudelaire, um caso típico de *décadence* para Nietzsche, torna-se um caso decisivo para diagnosticar a doença da vontade no homem do século XIX. Em primeiro lugar, Araldi sustenta que enquanto a *décadence* se manifestaria em todas as épocas da humanidade, o niilismo valeria para Nietzsche como a tentativa de Nietzsche de abarcar e interpretar os processos de desvalorização dos valores no mundo moderno. Num segundo momento, o autor defende que Nietzsche vai além de Bourget, ao compreender o niilismo como um modo singular de desagregação de forças, que possui um transcurso histórico único. Por fim, o autor investiga o valor da arte, das ilusões e das formas de embriaguez artísticas, como um ensaio derradeiro de Nietzsche para superar o “irreparável” niilismo dos artistas modernos.

Em *Genealogia do niilismo em Nietzsche: uma investigação sobre a influência do contexto histórico-literário do niilismo russo e da leitura de Pais e Filhos*, João Paulo Simões Vilas Bôas apresenta os resultados de uma investigação sobre a influência do contexto histórico-literário do niilismo russo – destaque dado ao papel desempenhado pelo romance *Pais e Filhos* – no desenvolvimento das primeiras reflexões de Nietzsche sobre o niilismo. Principia com um esclarecimento sobre a origem da palavra niilismo e prossegue com uma caracterização do contexto social, político e cultural do Império Russo na segunda metade do século XIX. Na sequência, o autor expõe uma análise das diferentes definições do que é um niilista apresentadas no romance de Ivan Turguêniev para, em seguida, investigar o impacto que esta publicação gerou na sociedade russa da época. Na última parte do artigo, Vilas Bôas propõe uma interpretação dos dois fragmentos póstumos e dialoga diretamente com a interpretação desenvolvida por Elisabeth Kuhn, ora concordando, ora refutando certos aspectos dela.

⁴ O primeiro volume do Dossiê Niilismo foi publicado no vol. 28, n. 28, jan.-abr. 2023 da *Revista Dialectus*; já o segundo volume, foi publicado no vol. 30, n. 30, mai.-ago. 2023.

O terceiro artigo, de autoria de Tiago Leite, intitulado *Nietzsche: o niilismo e o riso da transvaloração*, parte da relação do riso com o conceito do dionisíaco, pensado a partir da “consolação metafísica” em uma existência contraditória e sem sentido, para conduzir o problema do niilismo (desvalorização) e da transvaloração a uma conexão com a alegria. O artigo explora as diferentes acepções do dionisíaco na obra de Nietzsche: em *O Nascimento da Tragédia*, Dioniso era o deus consolador, que redimia o sofrimento da existência no fenômeno estético; a partir de 1886, ele será o deus cruel, que desejará os seres humanos “mais fortes, mais malvados, mais profundos”. Este Dioniso ensina a rir e redime a existência nela mesma. A partir dele, o riso, síntese da alegria trágica, supera toda metafísica de artista, afirma a *crueldade* do acaso e da necessidade, e estabelece um princípio avaliador imanente ao corpo. De acordo com o autor, é com relação à alegria trágica que será possível compreender a superação do pessimismo, pois o riso se torna um dispositivo de transvaloração que abala toda estima e valorização de inspiração niilista que permeia o pensamento.

O niilismo e a afirmação ética: a leitura deleuziana de Nietzsche e Foucault, de Caio Cesar do Nascimento Paz, apresenta a maneira como o filósofo francês Gilles Deleuze aproxima algumas formulações de Michel Foucault das de Friedrich Nietzsche, como uma estratégia deleuziana utilizada para questionar a estrutura negativa da dialética e do niilismo a que ela está ligada. Para Deleuze, o niilismo é o motor da História e suas diferentes formas podem ser conectadas a diferentes formações históricas. A partir destas demarcações, o autor indica os elementos que Deleuze evoca para a superar o niilismo a partir de uma afirmação ética.

Carlos Renato Moiteiro, em *Niilismo e herança nietzschiana na constituição do método genealógico em Michel Foucault*, reflete sobre a herança nietzschiana no pensamento do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), dando destaque à investigação sobre a existência ou não de um niilismo na produção teórica foucaultiana e seus reflexos na consolidação do método genealógico, afastando-o, em certa medida, das perspectivas teóricas elaboradas nos trabalhos das décadas de 1950 e 1960. O autor sustenta que definir os aportes emprestados por Foucault da própria genealogia da moral nietzschiana para a constituição de seu procedimento, é necessário caso se queira compreender em que medida tal legado desemboca na propositura duma ontologia de caráter niilista, que recusa os universais da história, notadamente os de homem, sujeito e verdade, temas tão caros à tradição filosófica ocidental.

O niilismo ativo nietzschiano na obra 'A hora da estrela' de Clarice Lispector, de Roberto Ribeiro da Silva, investiga os nexos niilistas transmutados da obra 'A Hora da Estrela' de Clarice Lispector (1977), à condição esvaziada da personagem Macabéa. Essa eleição se coaduna com a ideia nietzschiana de transvaloração, onde o "lusco-fusco" entre vida *versus* morte se encontram. Assim, a ficção *versus* realidade são constantes metamorfoses - um retorno às coisas mesmas - sem dependência teleológica. Macabéa é metaforicamente o "instante" da vida diante da morte. Sua criadora paradoxalmente é identificada com o niilismo ao significar o 'grand finale' da obra com suas mortes (da personagem e a própria).

Em *Nada é Real: considerações sobre o niilismo como experiência existencial fundamental*, Diogo Barros Bogéa trata o niilismo como experiência existencial fundamental e não apenas como diagnóstico de uma época histórica. Bogéa Investiga a compreensão do niilismo como diagnóstico para a contemporânea desvalorização dos valores supremos a partir da historicização dessa própria compreensão histórica do niilismo. O autor examina o problema a partir do pensamento heideggeriano, interpretando-o como auge do historicismo do século XIX e como o caso mais extremo daquilo que Meillassoux chamou de correlacionismo: a crença – de inspiração kantiana – de que não podemos nunca nos referir ao real. Mas na obra do próprio Heidegger, identifica-se um elemento a-histórico, capaz de romper as barreiras do correlacionismo e reestabelecer nossa relação com o Real: o Nada. Assim, são explorados os conceitos de angústia e Nada em articulação com o conceito psicanalítico de Real a fim de pensar o niilismo como experiência existencial fundamental capaz de revelar o Nada como mais fundamental que o Ser e a experiência de Haver Existência como Real.

Por fim, no artigo que fecha este Dossiê, *Nihilismo: un problema japonés*, Amanda Sayonara Fernandes Prazeres examina o fenômeno do niilismo a partir da perspectiva de Nishitani Keiji (1900-1990). O filósofo da Escola de Kyoto desenvolve sua análise filosófica e histórica do fenômeno em sua obra *Nilismo*, na qual investiga a questão a partir da literatura de Dostoiévski, mas também das perspectivas filosóficas de Hegel, Schopenhauer, Kierkegaard, Max Stirner, Nietzsche e Heidegger. O artigo explora a tese de Nishitani de acordo com a qual o niilismo não é um problema restrito ao Ocidente, sendo antes, também uma questão de fundo especificamente japonesa, inseparavelmente ligada à religião tradicional do Japão e à introdução e reprodução da concepção da subjetividade moderna a partir da europeização do país.

Com menção ao Prof. Eduardo Chagas e a Jarbas Vasconcelos, agradecemos a toda a equipe editorial da Revista *Dialectus* pela acolhida deste projeto. Que a receptividade e a gentileza com as quais fomos acolhidos também fique como uma oferta a quem nos lê. Proveitosa leitura.

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva (UNIOESTE)⁵

José Fernandes Weber (UEL/UNIOESTE)⁶

OS ORGANIZADORES

⁵ Professor dos cursos de graduação e de pós-graduação (*stricto sensu*) em Filosofia da UNIOESTE – Campus Toledo com estágio pós-doutoral pela Université Paris 1 – PANTHÉON-SORBONNE (2011/2012). Escreveu *A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty* (São Leopoldo, RS, Nova Harmonia, 2009) e *A natureza primordial: Merleau-Ponty e o 'logos do mundo estético'* (Cascavel, PR, Edunioeste, 2010; 2019). Organizou *Encarnação e transcendência: Gabriel Marcel, 40 anos depois* (Cascavel, PR, Edunioeste, 2013), *Merleau-Ponty em Florianópolis* (Porto Alegre, FI, 2015), *Kurt Goldstein: psiquiatria e fenomenologia* (Cascavel, PR, Edunioeste, 2015), *Festschrift aos 20 anos do Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da UNIOESTE* (Cascavel, PR, Edunioeste, 2016), *Compêndio Gabriel Marcel* (Cascavel, PR: Edunioeste, 2017), *A fenomenologia no oeste do Paraná: retrato de uma comunidade* (Toledo, PR, Vivens, 2018) e *Fenomenologia e Hermenêutica* (São Paulo: ANPOF/PHI, 2019), além de dossiês temáticos em diversos periódicos nacionais e internacionais. Traduziu os *Fragmentos filosóficos: 1909-1914* (Cascavel, PR, Edunioeste, 2018) e *Os homens contra o humano* de Gabriel Marcel (Cascavel, PR, Edunioeste, 2023). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9321-5945>. E-mail: cafsilva@uol.com.br

⁶ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8402-7224>. Email: jweber@uel.br. Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq/Brasil, por meio da concessão de Bolsa de Pós-Doutorado Sênior (Processo: 101957/2022-0), desenvolvida como Estágio de Pós-Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e supervisionada pelo Prof. Dr. Antonio Edmilson Paschoal e Bolsa de Produtividade em Pesquisa, nível 2 (Processo: 313373/2021-3).